

Carlos Morais . coordenador

Fernando Oliveira

Um Humanista Genial

V Centenário do seu nascimento

Grammatica da
lingoagem por-
tuguesa.



*Comeca a bestora da antiguidade,
Confidencia de Portugal, recolhida de escripto-
res antigos, e cronicas aprouadas p'ello
licenciado fernando oliveira, capellaõ dos
Reys de Portugal de esse tempo.*

Fonética e Fonologia (segmental e prosódica) em Fernão de Oliveira (1536)

HENRIQUE BARROSO
Universidade do Minho

0. Introdução

Tendo escrito sobre matérias muito distintas (neste volume de homenagem, que assinala o quingentésimo aniversário do seu nascimento: 1507, pode ver-se isso muito bem), é sobretudo na sua qualidade de foneticista/fonólogo¹ (trata-se de uma fonética essencialmente linguística) que Fernão de Oliveira é referido, recordado, mencionado, citado: é que, tanto na teorização linguística a propósito do Português quanto na descrição gramatical desta língua, se revelou um verdadeiro precursor, de renome internacional, como o realçou já – e muito justamente – Eugenio Coseriu (2000: 60):

[...] podemos afirmar, creio, que Oliveira merece um lugar de considerável destaque na história da linguística românica e na da linguística em geral. Ele é, depois de Nebrija, um dos gramáticos mais originais, em certo sentido o mais original, e, antes de Rhys e de G. Bartoli, o mais importante foneticista da Renascença na România. [...] e a sua contribuição para o tratamento funcional das línguas na linguística descritiva é a de um grande precursor.

¹ Torres (1998: 68), por exemplo, salienta-o deste modo: «São [...] inegáveis os seus méritos na fonética e na minuciosa articulação dos fonemas, assim como na sua classificação e simbolização gráfica, no que mostra não só não ter ouvido rombo de marinheiro, como estar atento, naqueles, a valores distintivos.»

É óbvio que hoje é relativamente fácil perceber o funcionamento desta componente da gramática do Português ou de muitas outras línguas europeias e não-europeias: passaram-se muitíssimos anos (quase cinco séculos) e fizeram-se muitas descrições dos sistemas sonoros de praticamente todas aquelas línguas. Porém, há quinhentos anos, altura em que o Latim era uma língua científico-culturalmente muito forte (tinha um estatuto muito semelhante ao que o Inglês tem nos nossos dias), um português escrever uma Gramática do Português em português, pondo propositadamente de lado quer o Latim quer o Castelhana (também era frequente escrever-se nesta língua – Camões e Sá de Miranda, só para citar dois casos, fizeram-no) e, para além disso, afastando-se de modo original dos modelos greco-latinos, ou seja, teoriza sobre a descrição que vai fazendo recusando-se a ser um mero seguidista, é de facto algo de singular.

É meu propósito, nas páginas que se seguem, tentar objectivar isto que acabo de afirmar demonstrando, ao mesmo tempo, as suas capacidades de descrição e teorização linguísticas, apenas no que à componente fonético-fonológica do Português dos primeiros anos de quinhentos diz respeito, especificamente: da novidade terminológica oliveiriana nas áreas em epígrafe, já a seguir; depois, da identificação dos segmentos fonéticos típicos do Português daquela época e respectiva descrição articulatória e, por fim (como consequência natural), do inventário dos fonemas vocálicos e consonânticos (fonologia segmental) e do seu agrupamento em sílabas e destas em unidades acentuais, do acento e do seu lugar, do ritmo e entoação (fonologia prosódica), matérias que, conjuntamente com as questões ortográficas (de que não me ocuparei, mas aqui tratadas por outro colega), constituem o núcleo duro desta primeira gramática da língua portuguesa (de vi a xxix: 24 capítulos, ou seja, metade da obra).

1. Da terminologia fonética e fonológica oliveiriana

A perspectiva de Oliveira é quase exclusivamente sincrónica, ou seja, descreve o(s) modo(s) como falam os seus contemporâneos chegando, pelo seu levantamento, ao modelo ideal, único, para todos os falantes (o que assegura a intercompreensão): os sons organizados em sistema, isto é, os segmentos e respectivas propriedades fónicas, que são os responsáveis pela construção de todas as sílabas e, pela(s) associação(ões) destas, das, nos seus termos, *dições* ou, numa terminologia mais moderna, *unidades acentuais* (Barbosa, 1994: 133-134).

Evidentemente que, para o fazer, tem de se socorrer (e socorre-se) de um suporte teórico que se efectiva não só pelos raciocínios que vão conduzindo a sua descrição do Português do seu tempo, mas também – e de modo mais notório – pelos termos a que deita mão e que suportam aqueles.

Para começar, *letra*, que Oliveira define como «figura de voz» (Torres & Assunção, 2000: 89)², é um termo muito abrangente, pois compreende os nossos conceitos de *letra*, *grafema*, *som/fone* e *fonema*.³ Aliás, Coseriu (2000: 34, nota 17) diz que ao conceito antigo de *littera* corresponde (mas não a 100%) o hjelmsleviano de *cenema*⁴. Em todo o caso, ele preocupa-se em distinguir *figura*, *sinhal* (representação gráfica) de *pronunciação*, *força*, *virtude* (unidade fónica correspondente). Por conseguinte, um aspecto marcadamente inovador.

As unidades fónicas que Oliveira identifica como segmentos em Português são, de uma maneira geral, *fonemas* (cf., *infra*, 2. e 3.). A ‘nasalidade’ (ele fala de ‘til’) é apenas um *traço distintivo* (Torres & Assunção, 2000: 101).

Em relação às *vogais*, Oliveira distingue as *orais* (oito ao todo) das *nasais* (cinco), isto é, considera estas últimas como unidades vocálicas simples. Aqui temos outro aspecto revolucionariamente inovador, «pois é a primeira vez que as vogais nasais são consideradas como tais na România (e talvez seja a primeira vez em geral).» (Coseriu, 2000: 38)

Também não menos inovador é a diferença que Oliveira faz entre *vogal grande* (= aberta) e *vogal pequena* (= fechada), que ele interpreta mais como ‘longo’ vs ‘breve’, respectivamente.

No que respeita ao(s) *ditongo(s)*, que define como «hũa voz com hum só espirito» ou «sillaba na qual são duas vogaes porque isto queremos entender da sillaba, que sejam em ella todas as letras que tiver unidas com hum só espirito.» (Torres & Assunção, 2000: 105), diz que se encontram em maior número em Português do que em qualquer outra língua que ele conhece, que «esta é hũa das particularidades da nossa própria harmonia» (Torres & Assunção, 2000: 105), elencando-os (*oral* e *nasal* lado a lado) e informando-nos da sua estrutura, ou seja, da distribuição dos segmentos constituintes («[...] nos quaes a grande e α pequeno, e assi e grande e ω grande sempre

² Apesar de ter igualmente compulsado a edição de Buescu (1975), é pela de Torres & Assunção (2000) que faço todas as citações insertas neste artigo.

³ Sobre esta matéria, cf., por exemplo, Barroso (1999: 180 ss.)

⁴ Recorde-se porquê: «[...] un phonème [= cenema] a une valeur, c'est-à-dire une entité; un phonème a un contenu, une destination fonctionnelle dans l'économie phonématique du langage; un phonème a une forme, c'est-à-dire qu'il occupe une place dans un système phonématique, cela de nouveau selon sa valeur phonématique; et un phonème a une expression, une certaine symbolisation ou matérialisation.» (Léon et al., 1977: 113).

se prepoem; e todas as outras às vezes se poem antes e às vezes depois hūas das outras.») (Torres & Assunção, 2000: 105), sublinhando, por fim, que a ‘nasalidade’ afecta ambas as vogais que formam o(s) ditongo(s) (Torres & Assunção, 2000: 106) e não apenas a vogal-núcleo silábico.

Tudo isto, por um lado. Por outro, e para que o leitor menos familiarizado com esta terminologia (termos de quinhentos para designar as estruturas anatómicas e respectiva fisiologia implicadas na produção dos sons do Português) possa ler inequivocamente o que Oliveira diz a este respeito, disponibiliza-se a seguinte listagem (*em itálico*, a designação quinhentista e, no tipo normal, a actual: *beiços* – lábios; *bafo* – fluxo de ar pulmonar (egressivo); *queixaes* – maxilares; *papo* – faringe/ cavidade faringal; *gengibas* – alvéolos; *lombo da língua* – dorso da língua; *espírito* – emissão de voz; *canudo* – canal; *costas da língua* – lâmina da língua; *ilhargas da língua* – lados da língua.

2. Identificação e descrição articulatória dos sons do Português quinhentista

Coseriu (2000: 34) escreveu que Oliveira superou todos os seus modelos, mesmo Nebrija, particularmente «pela agudeza das suas observações, pela minuciosidade e pelo carácter sistemático da sua descrição dos sons portugueses.» Ora, vejamos (ou, se calhar, melhor: comecemos a ver) como esta afirmação é verdadeira em toda a sua extensão. Antes, porém, porque, naturalmente, Fernão de Oliveira não pôde usar símbolos próprios para representar os sons da fala, mas apenas símbolos da ortografia (vários, aliás, sugeridos por ele, em função da sua própria observação da componente da gramática do Português agora em análise), e para que nós os possamos reconhecer e usar de modo inequívoco, vou servir-me do Alfabeto Fonético Internacional (AFI ou, à inglesa, IPA), da International Phonetic Association (1999), que uso para transcrever os sons do Português actual (Barroso, 1999), disponibilizando, imediatamente a seguir, as descrições articulatórias efectuadas pelo nosso autor que, muito embora se trate de uma fonética empírica (não havia outras hipóteses) estão tão exactas e completas, que ainda hoje se podem ler, *mutatis mutandis*, com proveito.⁵

⁵ Cf., a este respeito, as palavras de Coseriu (2000: 38) que se seguem: «No que se refere ao sistema consonântico, Oliveira apresenta as descrições articulatórias, no essencial, completas, ainda que sucintas. Muitas dessas descrições são surpreendentemente exactas e, salvo a terminologia, aceitáveis ainda hoje.»

2.1. Sons vocálicos

Oliveira começa⁶ pelos orais:

- [ɐ]: som vocálico oral central semifechado (Barroso, 1999: 68)
Esta letra α pequeno [...]: a sua pronunciação é com a boca mais aberta que das outras vogaes e toda a boca igual; (Torres & Assunção, 2000: 95).
- [a] som vocálico oral central aberto (Barroso, 1999: 69)
a grande [...]: a pronunciação é com a mesma forma da boca, senão quanto traz mais espirito. (Torres & Assunção, 2000: 95).
- [e]: som vocálico oral anterior semifechado (Barroso, 1999: 65)
Esta letra e pequeno [...]: a sua voz não abre já tanto a boca e descobre mais os dentes. (Torres & Assunção, 2000: 95)
- [ɛ]: som vocálico oral anterior semiaberto (Barroso, 1999: 66)
ε grande [...]: e tão-pouco não tem outra diferença da força de e pequeno, senão quanto enforma mais seu espirito. (Torres & Assunção, 2000: 95).
- [i]: som vocálico oral anterior fechado (Barroso, 1999: 64)
Desta letra i vogal [...]: pronuncia-se com os dentes quasi fechados e os beiços assi abertos como no e, e a lingua apertada com as gengibas de baixo e o espirito lançado com mais impeto. (Torres & Assunção, 2000: 95)
- [o]: som vocálico oral posterior semifechado (Barroso, 1999: 71)
A [...] letra o pequeno [...]: a sua pronunciação faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redondo. (Torres & Assunção, 2000: 95)

⁶ Em geral, a ordem de apresentação dos segmentos fonéticos típicos do Português de inícios de quinhentos e respectiva descrição articulatória de Oliveira é a que o autor segue no seu texto. Este procedimento pode facilitar a eventual consulta.

[ɔ]: som vocálico oral posterior semiaberto (Barroso, 1999: 72)
o grande [...]: tem a mesma pronunçiação com mais força e espirito.
 (Torres & Assunção, 2000: 95)

[u]: som vocálico oral posterior fechado (Barroso, 1999: 70)
Esta letra u vogal aperta as queixadas e prega os beiços, não deixando antr'elles mais que só hum canudo por onde sae hum som escuro, o qual é a sua voz. (Torres & Assunção, 2000: 95)

Em relação aos sons vocálicos nasais, Oliveira só dá esta informação (Torres & Assunção, 2000: 101):

[...], assi como fazemos do til nas vogaes quando também mudam sua voz. Digo que mudam a voz porque não é a mesma voz vila e vilã; mas o til que lhe posemos muda a qualidade do a de clara voz em escura e mete-o mais pellos narizes. Outro tanto nas outras vogaes como e e ã, i e ã, o e õ, u e ã, onde o til faz alghũa cousa e tem poder alghum, o qual sintem as orelhas, mas a boca o acha tão sutil tomando-o por si só, que o não sabe formar;

Mesmo não se tendo feito uma descrição articulatória do tipo da precedente para cada um, da citação decorre serem, pois, estes os segmentos vocálicos nasais do Português do período em análise no texto de Oliveira:

[ẽ]: som vocálico nasal central semifechado (Barroso, 1999: 75)

[ẽ] som vocálico nasal anterior semifechado (Barroso, 1999: 74)

[ĩ] som vocálico nasal anterior fechado (Barroso, 1999: 73)

[õ] som vocálico nasal posterior semifechado (Barroso, 1999: 77)

[ũ] som vocálico nasal posterior fechado (Barroso, 1999: 76)

2.2. Sons consonânticos e semivocálicos

- [b]: som consonântico oclusivo oral bilabial sonoro (Barroso, 1999: 84)
*Pronuncia-se a letra **b** antr'os beiços apertados, lançando para fora o bafo com impeto e quasi com baba.* (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [k]: som consonântico oclusivo oral velar surdo (Barroso, 1999: 86)
c pronuncia-se dobrando a lingua sobre os dentes queixaes, fazendo hum certo lombo no meio della diante do papo, quasi chegando com esse lombo da lingua ò ceo da boca e empedindo o espirito, o qual por força faça apartar a lingua e faces e quebre nos beiços com impeto. (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [d]: som consonântico oclusivo oral alveodental sonoro (Barroso, 1999: 85)
*A pronuniação da letra **d** deita a lingua dos dentes de cima com hum pouco de espirito.* (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [f]: som consonântico fricativo labiodental surdo (Barroso, 1999: 89-90)
*A pronuniação do **f** fecha os dentes de cima sobre o beiço de baixo e não é tão inhumana antre nós como a Quintiliano pinta aos latinos; mas todavia assopra, como elle diz.* (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [g]: som consonântico oclusivo oral velar sonoro (Barroso, 1999: 86-87)
*A pronuniação do **g** é como a do **c**, com menos força do espirito.* (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [l]: som consonântico lateral alveolar (Barroso, 1999: 98)
*A pronuniação do **l** lambe as gengibas de cima com as costas da lingua achegando as bordas della òs dentes queixaes.* (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [m]: som consonântico oclusivo nasal bilabial (Barroso, 1999: 87)
*A pronuniação do **m** muge antre os beiços apertados apanhando para dentro.* (Torres & Assunção, 2000: 96)

- [n]: som consonântico oclusivo nasal alveodental (Barroso, 1999: 88)
A pronunção do n tine, diz Quintiliano, tocando com a ponta da lingua as gengibas de cima. (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [p]: som consonântico oclusivo oral bilabial surdo (Barroso, 1999: 83)
A força ou virtude do p he a mesma que a do b, senão que traz mais espirito. (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [w]: som semivocálico labiovelar (Barroso, 1999: 79)
Mas, como quer que seja, no-la havemos mester na nossa lingua, assi para em alghūas dições que de necessidade têm u liquido, como quasi, quando, quanto, qual e outras semelhantes, [...]. (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [r]: som consonântico vibrante alveolar simples (Barroso, 1999: 101)
Pronuncia-se o r singelo com a lingua pegada nos dentes queixaes de cima e sae o bafo tremendo na ponta da lingua. (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [r]: som consonântico vibrante alveolar múltiplo (Barroso, 1999: 102)
Do rr dobrado a pronunção é a mesma que a do r singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengibas de cima e o singelo não treme tanto; (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [z]: som consonântico sibilante ápico-alveolar sonoro
O s singelo, diz Quintiliano, é letra mimosa e quando a pronunciamos alevantamos a ponta da lingua pera o ceo da boca e o espirito assovia pellas ilhargas da lingua. (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [ʒ]: som consonântico sibilante ápico-alveolar surdo⁷
O ss dobrado pronuncia-se como o outro, pregando mais a lingua no ceo da boca. (Torres & Assunção, 2000: 97)

⁷ Este segmento fonético e o anterior também se denominam fricativos sibilantes retroflexos surdo e sonoro, respectivamente.

Na época a que nos reportamos constituíam duas realizações de dois fonemas distintos. Actualmente, não fazem parte da variedade culta do PE: existem apenas como variantes de uso exclusivamente regional (norte e centro do país). Sobre esta matéria, cf., entre outros, Lindley Cintra (1983: 27-29, 143-145, 151-153 e 159-163), Teyssier (1984: 49-52) e Neto (1986: 484-487).

- [t]: som consonântico oclusivo oral alveodental surdo (Barroso, 1999: 84-85)
O t tem a mesma virtude do d com mais espirito; todavia tira o t para fora. (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [ʃ]: som consonântico fricativo chiante surdo (Barroso, 1999: 93)
Ao x nós lhe chamamos cis, mas eu lhe chamaria antes xi, porque assi o pronunciamos na escritura: pronuncia-se com as queixadas apertadas no meio da boca, os dentes juntos, a lingua ancha dentro na boca e o espirito ferve na humidade da lingua. (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [z]: som consonântico fricativo sibilante sonoro (Barroso, 1999: 92)
A pronunção do z zine antr'os dentes cerrados, com a lingua chegada a elles e os beiços apartados hum do outro; (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [s]: som consonântico fricativo sibilante surdo (Barroso, 1999: 91)
Esta letra [...] ç tem a mesma pronunção que z, senão que aperta mais a lingua nos dentes. (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [ʒ]: som consonântico fricativo chiante sonoro (Barroso, 1999: 94)
j consoante [...]. A sua pronunção é semelhante à do xi, com menos força. (Torres & Assunção, 2000: 97)
- [v]: som consonântico fricativo labiodental sonoro (Barroso, 1999: 90)
A força de v consoante é como a do f mas com menos espirito. (Torres & Assunção, 2000: 96)
- [j]: som semivocálico palatal (Barroso, 1999: 78)
A qual letra a mi me parece ser y e não i vogal, porque ella não faz sillaba por si; nem tão-pouco j consoante na força que lhe nós demos, mas em outra quasi semelhante àquella muito enxuta sem nenhũa mestura de cospinho. (Torres & Assunção, 2000: 98)

À semelhança do que faz para os segmentos vocálicos nasais, Oliveira, no capítulo xvi (Torres & Assunção, 2000: 101), trata, ainda de modo mais rápido,

de mais três tipos fonéticos de natureza consonântica, a que equivocadamente⁸ dá o nome de ‘consoantes aspiradas’, para os quais não apresenta qualquer descrição articulatória, mas apenas isto:

As letras consoantes aspiradas [...] são ch, lh, nh, [...]: os nomes dellas são chê, lhê, nhê, os quaes sabidos são sabidas as pronunciações.

Ei-los, pois, agora representados como todos os outros:

[tʃ]: som consonântico africado chiante pré-palatal surdo (Barroso, 1999: 59)

[ʎ] som consonântico lateral palatal (Barroso, 1999: 100)

[ɲ] som consonântico oclusivo nasal palatal (Barroso, 1999: 88-89)

2.3. Fenómenos de fonética combinatória

A Fernão de Oliveira também não escaparam as modificações sonoras resultantes dos sons em interação mútua. E de tal maneira estava atento que, no seu texto, só no capítulo xxv (constituído por apenas um parágrafo), descreve três fenómenos fonéticos (mais rigorosamente, dois: ‘crase’ e ‘elisão; o terceiro consiste na manutenção do ‘hiato’, apesar de o Português tender a desfazê-lo), como a citação de todo aquele capítulo-parágrafo (Torres & Assunção, 2000: 109) claramente o documenta:

Quando hũa dição acaba em vogal e outra dição logo começa também em vogal, se são ambas d’hum mesmo genero, mesturam-se ambas e fazem hũa vogal [‘crase’]; e às vezes grande de seu genero de que ellas eram, como d’escrever por de escrever, estav’assi por estava assi, e com’os latinos por como os latinos [exemplos de ‘crase’]. E se são de diversos generos a primeira perde-se; e a segunda, em que começa a segunda dição, fica e muitas vezes em maior quantidade [‘elisão’], como mesturãs’ãbas por mesturam-se ambas, e com’este

⁸ Este (só aparente) equívoco é, todavia, imediatamente desfeito, nos parágrafos subsequentes, pelo próprio Oliveira (Torres & Assunção, 2000: 101-103).

por como este [exemplos de ‘elisão’]. Ainda porém que às vezes ficam ambas inteiras [‘hiato’], maiormente se são diversas, como acaba em a vogal e começa a segunda [exemplos de ‘hiato’].

Para além destes, fala desenvolvidamente de ‘assimilação’, descrevendo vários tipos nos capítulos xviii, xxvi e xxviii (Torres & Assunção, 2000: 104, 109-110 e 114). E, por fim, no capítulo xxiii (Torres & Assunção, 2000: 108), descreve casos do que se pode denominar de ‘iotização’. Por exemplo, e citando Oliveira,

Ainda que nós pella maior parte lhe metemos no meio hum y consoante, como Mayo, seyo, ayo, mas não sempre. [...] E contudo ainda aqui não sempre, mas também u, i ou o, se tiverem despois de si outra vogal, também soa antr’elles muitas vezes este y consoante, como marroyo, tiyo, arguyo, tiya.

3. Teoria fonológica e descrição do Português dos inícios do século XVI

No segundo parágrafo do capítulo xi (Torres & Assunção, 2000: 94), encontramos, no mínimo, um esboço de fonologia (mas, se calhar, já todo um programa de teoria fonológica) que orienta Oliveira na descrição do Português do seu tempo, concretamente: alusões aos seguintes conceitos:

(i) ‘oposição fonológica’, ‘base de comparação’ e ‘traço distintivo’, centrais na teoria fonológica de Trubetzkoy (1986: 33 ss.), em

O proprio [‘traço distintivo’] de cada letra entendemos a particular pronunçiação de cada hũa; e o comum [‘base de comparação’] chamamos aquella parte da pronunçiação e força em que se hũa parece com a outra. E isto nos manda Quintiliano bem ver, porque nisto consiste o saber ler e mais que saber ler [‘oposição fonológica’]. (Torres & Assunção, 2000: 94)

(ii) ‘sistema linguístico’ e, no caso concreto, ‘sistema fonológico’, em

E é verdade que, se não tevéremos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem arte na língua [‘sistema linguístico’]; e cada

dia acharemos nella mudança não somente no som da melodia, mas também nos sinificados das vozes [‘sistema fonológico’]. (Torres & Assunção, 2000: 94)

(iii) ‘método comutativo’ e ‘técnica dos pares mínimos’, em

Porque só mudar hũa letra, hum acento ou som [‘comutação’], e mudar hũa quantidade de vogal grande a pequena ou de pequena a grande, e assi também de hũa consoante dobrada em singela ou, ao contrairo, de singela em dobrada, faz ou desfaz muito no sinificado da língua [‘técnica dos pares mínimos’]. (Torres & Assunção, 2000: 94)

Este esboço de fonologia continua noutros locais, com alusão a outros conceitos:

(iv) ‘correlação’ e ‘pares correlativos’, em

Até aqui dissemos do proprio genero e particular de cada letra; agora vejamos da comunicação que alghũas têm, ou d’alghũa participação que todas têm antre si [‘correlação’]. Das vogaes antre u e o pequeno [‘par correlativo’] ha tanta vezinhença que quasi nos confundimos dizendo huns somir e outros sumir, e dormir ou durmir, e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto antre i e e pequeno [‘par correlativo’], como memoria ou memorea, gloria ou glorea. [...]

Antre as consoantes, b e p são mui semelhantes, e c com g têm muita vezinhença, e d com t, f com v, l com r singelo, c com z e s ou ss, j e x [‘pares correlativos’]. Também as vogaes hũas com outras em ter voz; e as consoantes antre si em ferir sobre as vogaes.

E as letras semivogaes em seu officio, e as liquidas na sua valia todas têm hũas com outras alghum parecer; e contudo quaesquer que se parecem ainda que muito, consigo trazem alghũa certa maneira de mover a boca, lingua, dentes e beiços, ou formar o espirito por onde temos necessidade de as particularizar. (Torres & Assunção, 2000: 103-104)

3.1. Identificação dos segmentos por traços distintivos

Do exposto nos parágrafos precedentes (2. e 3.), que podem ser considerados as premissas, resulta nestoutro, como corolário, a relativamente fácil identificação dos segmentos fonológicos ou fonemas do Português

culto de quinhentos (recorde-se que a fonética oliveiriana é essencialmente linguística – daí haver uma coincidência em número e símbolos entre os segmentos fonéticos e fonológicos e, já agora, uma pouco perceptível não-coincidência com as unidades grafemáticas⁹).

Contudo, Oliveira não opera (nem podia) deste modo. Em todo o caso, é uma dedução lógica resultante, por um lado, da descrição articulatória sistemática que acabámos de averiguar e, por outro, da aplicação do ‘método comutativo’ por ‘pares mínimos’ e das ‘correlações’ baseadas em ‘pares opositivos’ (ou ‘oposições’), de que se falou há instantes. Ou seja, esta identificação faz-se tendo simultaneamente em consideração a ‘base de comparação’ (traço/s partilhado/s) e a ‘relação de oposição’ (traço/s distintivo/s).

3.1.1. Segmentos consonânticos e semivocálicos:

| FONEMAS | BASE DE COMPARAÇÃO | RELAÇÃO DE OPOSIÇÃO |
|--------------------------------|------------------------|------------------------------------|
| (i) /p/ e /b/ | ‘bilabiais não-nasais’ | ‘não-sonoro’ vs ‘sonoro’ |
| (ii) /t/ e /d/ | ‘alveodentais’ | ‘não-sonoro’ vs ‘sonoro’ |
| (iii) /k/ e /g/ | ‘dorsovelares’ | ‘não-sonoro’ vs ‘sonoro’ |
| (iv) /f/ e /v/ | ‘labiodentais’ | ‘não-sonoro’ vs ‘sonoro’ |
| (v) /s/ e /z/ | ‘sibilantes’ | ‘não-sonoro’ vs ‘sonoro’ |
| (vi) /ʃ/ e /z̃/ | ‘apicoalveolares’ | ‘não-sonoro’ vs ‘sonoro’ |
| (vii) /ʒ/ e /ʒ̃/ | ‘chiantes’ | ‘não-sonoro’ vs ‘sonoro’ |
| (viii) /r/ e /r̃/ | ‘vibrantes apicais’ | ‘simples’ vs ‘múltiplo’ |
| (ix) /l/ e /r̃ ¹⁰ / | ‘apicais’ | ‘lateral’ vs ‘vibrante’ |
| (x) /m/ e /n/ | ‘nasais’ | ‘bilabial’ vs ‘apical’ |
| (xi) /tʃ/, /ʎ/ e /ɲ/ | ‘palatais’ | ‘africado’ vs ‘lateral’ vs ‘nasal’ |
| (xii) /j/ e /w/ | ‘semivocálicos’ | ‘palatal’ vs ‘labiovelar’ |

⁹ Coseriu (2000: 44) escreve a este propósito: «Em primeiro lugar, as suas ‘letras’ correspondem quase exactamente às unidades fonemáticas do português e, no caso das vogais nasais, até a uma análise funcional do tipo: V + nasalidade.»

¹⁰ Apesar de estar já identificado, usa-se de novo para se poder identificar /l/. O mesmo se passa com /i, e, v, o, u/, em 3.1.2., para se proceder à identificação dos segmentos vocálicos fonológicos nasais.

3.1.2. Segmentos vocálicos orais e nasais:

| | | | |
|--------|----------------|----------------------------------|--|
| (i) | /i/, /e/ e /ɛ/ | 'anteriores' (ou 'palatais') | 'abertura mínima' vs 'abertura média' vs 'abertura máxima' |
| (ii) | /ɐ/ e /a/ | 'centrais' | 'fechado' vs 'aberto' |
| (iii) | /u/, /o/ e /ɔ/ | 'posteriores' (ou 'velares') | 'abertura mínima' vs 'abertura média' vs 'abertura máxima' |
| (iv) | /i/ e /ɪ/ | 'anteriores de abertura mínima' | 'não-nasal' vs 'nasal' |
| (v) | /e/ e /ɛ̃/ | 'anteriores de abertura média' | 'não-nasal' vs 'nasal' |
| (vi) | /ɐ/ e /ɐ̃/ | 'centrais fechados' | 'não-nasal' vs 'nasal' |
| (vii) | /o/ e /õ/ | 'posteriores de abertura média' | 'não-nasal' vs 'nasal' |
| (viii) | /u/ e /ũ/ | 'posteriores de abertura mínima' | 'não-nasal' vs 'nasal' |

3.2. Inventários

Oliveira não fica por aqui. Bem pelo contrário. Avança um pouco mais na estrutura da língua. Nesta linha, descreve (capítulo xxi) a ordem de ocorrência das unidades fonemáticas (acabadas de reconhecer) na constituição de unidades linguísticas pertencentes a um nível hierarquicamente superior, ou seja, do seu agrupamento em *sílabas*, informando-nos da sua tipologia mono (a mais pequena), bi, tri e tetrassegmental (a maior) e quais as (unidades) que precedem o *núcleo silábico* (em Português, sempre constituído por uma vogal), as que o seguem e as que o precedem e seguem simultaneamente; e, em um outro momento, inventaria, distinguindo-os, os segmentos fonológicos que terminam sílaba (capítulo xx) e os que a iniciam (capítulo xxii).

Em relação ao primeiro aspecto, escreve o seguinte (Torres & Assunção, 2000: 107):

[i] *Antes de si todas as vogaes em ditongos e fora delles recebem qualquer letra consoante, como ba, ca, ça, da, das, dei; e dou, dous, dão e dões. [ii] Antes de letra liquida estará sempre letra muda, como bravo, drago, cranguejo, frangao, grosso. As mais letras que se ajuntam em hũa sillaba são quatro: a primeira, muda; e a segunda, liquida; e a terceira, vogal ou ditongo; e a quarta, semivogal ou til, como frasco ou franco: na primeira sillaba se contam f e r e a, s ou til.*

Também ha hi sillabas de três letras, como trazer; e outras de duas, como cana, e outras d'hũa só, como era, avarento. Contam-se em hũa mesma sillaba todas as letras que soam em hũa só voz, como em tardou: t e a e r se contam na primeira sillaba; e d e o e u na segunda.

Quanto ao segundo, podemos ler (Torres & Assunção, 2000: 107):

As letras consoantes em que as nossas dições ou suas sillabas podem acabar são estas: l, r, s e z [em termos de fonologia funcional: /L/, /R/ e /S/], as quaes já chamamos semivogaes ou quasi vogaes, porque nisto são soltas como vogaes e gozam de seu officio em dar fim a dições ou sillabas como vogaes.

E assi também as nossa sillabas nunca se começam em duas letras de diversas natureza, como speranza; [...]

4. Propriedades prosódicas do Português dos inícios do século XVI

4.1. Tendo em consideração o conteúdo do parágrafo precedente, vemos que a *sílaba* (e cito Oliveira)

é hũa só voz formada com letra ou letras, a qual pode significar por si ou ser parte de dição. E assi as vogaes, ainda que sejam em ditongo, podem fazer sillaba sem outra ajuda; e as consoantes não, senão misturadas com as vogaes. (Torres & Assunção, 2000: 105)

Desta definição decorre estarmos na presença (em termos actuais) de «uma unidade rítmica, constituída por uma sequência de segmentos que se agrupam em torno de um segmento a que está associado maior grau de proeminência» (Mateus *et ali.*, 1990: 211). Para além disso, também fica claro que só alguns segmentos (as *vogais*) podem ocupar o núcleo silábico e

constituir, por si sós, sílabas, quer já enquanto *dições* (palavras portadoras de significado) quer simplesmente como parte daquelas, e que as *consoantes* só podem ocupar as margens da sílaba, ou seja, funcionarem como *ataque* e/ou *coda* silábicos.

4.2. No capítulo xxvii (Torres & Assunção, 2000: 110-111), embora confundindo-o com o ‘grau de abertura bucal’, Oliveira apresenta o traço prosódico *quantidade*, que não tem qualquer estatuto linguístico. Em todo o caso, revela que Oliveira conseguia captar as diferenças entre sílabas e/ou segmentos produzidos durante mais (*longos*) ou menos (*breves*) tempo.

Ainda neste capítulo, e ao contrário de Quintiliano (que cita), propõe os cinco, em terminologia actual, *padrões silábicos* seguintes (Oliveira fala apenas de ‘numero das sillabas’): /V/ e /CV/, sílabas sem coda, portanto abertas; e /VC/, /CVC/ e /CCVC/, ao invés, com coda, logo sílabas fechadas (Barroso, 1999: 160-161), tal como se depreende das suas próprias palavras (Torres & Assunção, 2000: 113):

O numero das sillabas Quintiliano o não quer determinar. Mas nós podemos saber onde ellas podem chegar, desta feição; tomando cada vogal por si, ella pode fazer sillaba, e com letra semivogal trás si, e com muda antes, e mais com muda mesturada com letra liquida. Assi, a, as, ba, bas, bras; e, es: te, tes, tres; e com ditongo, como o, ou: do, dou, dous; e, eu: se, seu, seus; a, ao, ão: ga, grao, grão; e assi de todas as vogaes.

4.3. O *acento* é o traço prosódico de que Oliveira fala a seguir, e fá-lo definindo-o assim:

Acento quer dizer principal voz ou tom da dição, o qual acaba de dar sua forma e melodia às dições de qualquer lingua. (Torres & Assunção, 2000: 113)

acrescentando, contudo, logo:

Digo às dições somente, porque a linguagem ainda no ajuntamento das dições e no estilo e modo de proceder tem suas particularidades ou propriedades, (Torres & Assunção, 2000: 113)

o que remete – assim me parece – para a *entoação* e *ritmo*, mais duas propriedades prosódicas com funções linguísticas claras, que resultam simultaneamente

da intensidade, duração, frequência fundamental e de outras características acústicas implicadas na produção/transmissão dos sons falados.

Segundo Oliveira, «nós falamos com grande repouso como homens assentados» (Torres & Assunção, 2000: 84), o que denota um 'ritmo lento' do Português falado no séc. XVI, por oposição ao de hoje, um 'ritmo acelerado', comprovado pela tendência consonântica do Português actual (Teyssier, 1984: 66), por exemplo.

4.4. Por fim, no capítulo xxix (Torres & Assunção, 2000: 115-118), Oliveira passa em revista um conjunto de propriedades que permitem reconhecer a sílaba acentuada de qualquer palavra do Português (*dição*, segundo ele), dizendo que o acento pode recair numa das três últimas sílabas (a contar do fim), tal como hoje, o que nos permite afirmar serem já estes os *esquemas acentuais* típicos do Português de quinhentos: (i) *oxítono* (última sílaba): /- -' -/, (ii) *paroxítono* (penúltima sílaba): /- ' - -/ e (iii) *proparoxítono* (antepenúltima sílaba): /' - - -/.

5. Em jeito de conclusão

Chegados ao termo deste ensaio, gostava de ressaltar um aspecto (o primeiro) e chamar a atenção para outro (o segundo).

Primeiro, confrontando o estado de língua descrito por Oliveira (Português culto dos inícios do séc. XVI) com o da actualidade (também variedade culta do PE dos inícios do séc. XXI), entre outras mudanças mais ou menos significativas (obviamente que há várias), verifica-se que os subsistemas consonânticos dos respectivos sistemas fonológicos têm muito em comum, mas também algo que lhes é próprio, a saber: o da actualidade não conta, entre os seus segmentos fonológicos, com /s/, /z/ e /tʃ/. Quer isto dizer que aquele era constituído, conforme vimos, por vinte e quatro fonemas e este, apenas por vinte e um.

Segundo, em função do exposto, julgo não constituir exagero nenhum concluir(mos) este trabalho com algumas das palavras escritas, a outro propósito¹¹, por Prado Coelho (1967: 67-68) que, para mim e neste momento, descrevem à perfeição o labor e o papel de Fernão de Oliveira, pelo menos

¹¹ Trata-se de uma recensão ao tomo I de *Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*, da autoria de José Gonçalo Herculano de Carvalho, publicado em 1967.

nestes domínios (e ainda noutros) das Ciências da Linguagem. Estamos na presença de uma obra que revela

uma extraordinária capacidade reflexiva e um espírito crítico seguro, que ora integra ora rejeita afirmações alheias, tendo em vista não a originalidade efêmera mas um conhecimento sempre mais exacto do real.

Noutros termos: por um lado, temos a evidência da 'mudança linguística', ou seja, as línguas porque produtos do Homem estão, tal como ele, sujeitas ao devir histórico e, por outro, o espanto da sua inteligência, isto é, a capacidade cognitiva do Homem, associada à sua paixão pela ciência, permite penetrar nos complexos meandros da 'linguagem', naturalmente através das línguas, de que o Português é uma mera manifestação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Jorge Morais (1994). *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- BARROSO, Henrique (1999). *Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- BUESCO, Maria Leonor Carvalhão (1975). *A Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira (introdução, leitura actualizada e notas por...). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- COSERIU, Eugenio (2000). «Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira» (trad. port. de «Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira» por MAIA, Maria Christina da Motta. Niterói, R. J.: EDUFF, Editora Universitária, 1991). In TORRES, Amadeu & ASSUNÇÃO, Carlos (2000). *Fernão de Oliveira, Gramática da Linguagem Portuguesa (1536) [...]*. Lisboa: Academia das Ciências, 29-60.
- INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION (1999). *Handbook of the International Phonetic Association: A guide to the use of the International Phonetic Alphabet*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEON, Pierre, SCHOGT, Henry & BURSTYNSKY, Edward (1977). *La Phonologie (1. les écoles et les théories)*. Paris: Éditions Klincksieck.
- LINDLEY CINTRA, Luís F. (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- NETO, Serafim da Silva (1986). *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- PRADO COELHO, Jacinto do (1967). «Rec. a Carvalho, José G. Herculano, *Teoria da Linguagem – Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*, Tomo I. Coimbra: Ed. Atlântida, 1967, XV + 381». In *Colóquio. Revista de Artes e Letras* 46 (Dezembro de 1967), 66-68.
- TEYSSIER, Paul (1982). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.

TORRES, Amadeu (1998). «Fernão de Oliveira e a sua Gramática em edição crítica». In Idem. *Gramática e Linguística*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, 61-71.

TORRES, Amadeu & ASSUNÇÃO, Carlos (2000). *Fernão de Oliveira, Gramática da Linguagem Portuguesa (1536)* (edição crítica, semidiplomática e anastática por ..., com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu). Lisboa: Academia das Ciências.

TRUBETZKOY, Nicolas Sergueevitch (1986). *Principes de Phonologie*. Paris: Éditions Klincksieck.

RESUMO: Com este artigo, pretende-se sublinhar o contributo deveras singular, no sentido de revolucionário/innovador, do “1.º fonólogo funcionalista” português, 400 anos antes de o Funcionalismo se constituir como modelo de análise e descrição linguísticas.

Palavras-chave: descrição fonética e segmentos fonéticos; fonética combinatória: crase, elisão, hiato, assimilação, iotização; método comutativo e técnica dos pares mínimos; sistema fonológico; oposição fonológica, base de comparação e traços distintivos; correlação e pares correlativos; descrição fonológica e segmentos fonológicos ou fonemas; sílaba; núcleo, ataque e coda silábicos; padrões silábicos; traços prosódicos: quantidade, acento, entoação, ritmo; esquemas acentuais: oxítono, paroxítono e proparoxítono.

ABSTRACT: The purpose of this article is to point out the singular – in the sense of revolutionary/ innovative ground-breaking - contribution the “first Portuguese functional phonologist” made 400 years before Functionalism became a model of analysis and linguistic description.

Keywords: phonetic description and phonetic segments; combinatory phonetics: crasis, elision, hiatus, assimilation, jotization; commutation method and minimal pairs technique; phonological system: phonological opposition, comparison basis and distinctive features; correlation and correlative pairs; phonological description and phonological segments or phonemes; syllable; syllabic nucleus, onset and coda; syllabic patrons; prosodic features: quantity, stress, intonation; stress schemata: oxitone, paroxitone and proparoxitone.

SEPARATA



universidade de aveiro

2009